



Junta de Castilla y León

Consejería de Educación

PROCEDIMIENTOS SELECTIVOS DE INGRESO Y ACCESO Y ADQUISICIÓN DE NUEVAS ESPECIALIDADES EN LOS CUERPOS DE PROFESORES DE ESCUELAS OFICIALES DE IDIOMAS

Orden EDU/246/2018 de 2 de marzo de 2018, de la Consejería de Educación (BOCyL de 7 de marzo)

0592 – CUERPO DE PROFESORES DE ESCUELAS OFICIALES DE IDIOMAS 015 – PORTUGUÉS

PRUEBA PRÁCTICA

ESCOLHA UM DOS TEMAS SEGUINTE
(entre 220 e 260 palavras)

EXPRESSÃO ESCRITA 1

"Qualquer dia fazem os turistas as marchas"

Turismo atinge níveis nunca vistos em Lisboa. Mas as rendas altas e os despejos são o reverso da medalha que preocupa.

Qual a sua opinião?

EXPRESSÃO ESCRITA 2

Você é o Presidente da Plataforma Entendimento e em protesto contra as portagens da A23 e A25 da Beira Interior, redija uma carta ao Sr. Ministro do Planeamento e das Infraestruturas, onde trate pelo menos três dos seguintes itens com argumentos sólidos:

- Avançar com as negociações da redução da taxa em vigor.
- Convencer da abolição das portagens.
- Novos pedidos de audiência ao governo por setores económicos.
- O isolamento do mundo rural.
- Planeamento de novas mobilizações e os seus efeitos colaterais.



ESCOLHA DOIS DOS SEGUINTE TEXTOS

TEXTO 1:

I love you, música portuguesa

Ricardo Araújo Pereira - Visão - 21.10.2010

Temo não saber inglês suficiente para compreender a música portuguesa. Não quero parecer velho, mas ainda sou do tempo em que a música portuguesa era cantada em português. Lembro-me bem dessa altura em que um aspirante a cantor conseguia pegar numa guitarra sem começar a verter as suas canções para uma língua que os turistas entendessem. Era

estranho, claro. Gente portuguesa a exprimir-se em português sempre me fez confusão. Trata-se de um idioma bastante limitado, que restringe as possibilidades de expressão dos seus falantes, e portanto não admira que haja quem se veja forçado a recorrer à língua inglesa quando se trata de transmitir pensamentos realmente sofisticados, tais como "I love you, baby", "Please forgive me, baby", "Don't break my heart, baby" ou "Yeah, baby, you are my baby".

Não posso, no entanto, deixar de notar que ainda há um longo caminho para percorrer. Neste momento, os artistas portugueses que cantam em inglês ainda estão condenados a dar entrevistas em português. Como é evidente, fazem falta jornais portugueses escritos em língua inglesa - ou, pelo menos, jornais portugueses que, embora fazendo perguntas em português (se querem mesmo insistir nesse capricho), permitam que as respostas possam ser dadas em inglês. Caso contrário, prosseguirá esta violência desumana que consiste em forçar cidadãos a exprimirem-se na sua própria língua. Creio que há um ou dois artigos na Declaração Universal dos Direitos Humanos que censuram essa prática.





Junta de Castilla y León

Consejería de Educación

Felizmente, nem tudo joga contra os músicos portugueses que cantam em inglês. Por coincidência, a língua na qual eles se sentem mais à vontade é falada internacionalmente. Isso pode evitar-lhes embaraços parecidos com os que sempre afligiram os músicos portugueses com mais projecção lá fora. Todos nos lembramos dos concertos da Amália, sistematicamente interrompidos por espectadores que diziam: "Amália, what are you doing? Please sing in english! We don't understand you!" Para não falar do caso dos Madredeus, obrigados a tornar as suas letras mais acessíveis ao público estrangeiro ("À porta, I love you baby, daquela igreja, I miss you baby, vai um grande corrupio").

O meu único receio é que este desamor à língua portuguesa, e a ideia de que ela pode prejudicar o nosso ofício, tenham deflagrado no mundo da música e se propaguem a outras profissões. Que, por exemplo, um número considerável de canalizadores decida passar a consertar torneiras em inglês, para facilitar uma eventual carreira internacional, ou apenas porque tem mais estilo. "Let me unclog your toilet baby!" Enfim, não é o tipo de conversa que gostaria de ter com um canalizador. Embora reconheça que a frase talvez desse uma excelente música portuguesa.



**Junta de
Castilla y León**

Consejería de Educación

TEXTO 2:

Santos da Casa

Miguel Araújo - Visão - 08.02.2018

Não é este o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, José, Judas e Simão? (...) Jesus lhes disse: "Só em sua própria terra, entre seus parentes e em sua própria casa, é que um profeta não tem honra". Marcos 6:3,4.

Uma pessoa desdenha do que conhece. De quem conhece, porque santos da casa não fazem milagres. Dos lugares que conhece, em particular aquele onde se encontra num determinado momento, porque "o campo é onde não estamos. Ali, só ali, há sombras verdadeiras e verdadeiro arvoredor", como diz o velhinho Bernardo Soares no seu desassossego. É próprio do nosso pendor desconfiado. O que nos é familiar vem-nos deformado pela proximidade, vem em forma de espelho. Os que nos são próximos parecem-se demasiado com a nossa própria reles e pálida existência, a sua natureza mundana irmana por demais com a nossa própria, apanham constipações, aborrecem-se a ver o preço certo em euros, bebem cerveja portuguesa pela garrafa e vão ao cinema ao Arrábida Shopping ao domingo. O Sting foi visto no Dolce Vita das Antas, na véspera de atuar no Marés Vivas, em Gaia, e estava sozinho numa Pans & Company e eu, com estes próprios olhos que a terra há de tragar como se fossem os de um comum mortal, digamos por exemplo os olhos de um não-cantor famoso, vi uma pessoa inteligente argumentar que não, nem pensar, não podia ser o Sting porque o Sting não come sandes de delícias do mar num centro comercial nas Antas. Muito recentemente uma pessoa que eu conheço bem foi promovida a um alto cargo de administração de uma grande empresa e o coro dos indignados cantou o seu estribilho de incredulidade em unísono de forma automática e imediata, em forma de sussurro surdo e à boca pequena, porque como é que era possível. E eu acho mesmo que não é inveja. É simplesmente isso: nós não toleramos ver um de nós levantar a garimpa simplesmente porque achamos impossível, como é que é possível se andou comigo na escola. O diagnóstico é definitivo: desconfiamos demasiado de nós próprios para achar sequer possível ou tolerável um dos nossos





Junta de Castilla y León

Consejería de Educación

sair da casca. Nós somos as pessoas normais, não somos de aparecer na televisão nem em listas do jornal Expresso nem em nada disso. Acontece às vezes comigo: encontro um amigo de há 20 anos e de repente digo que estou na música, e que agora sou cantor e que até não me tenho dado mal e o olhar de incredulidade não tem nunca qualquer vestígio de inveja, é sempre o ar de um incrédulo "tu??? mas andavas na minha turma". Ou então o contrário, ainda hoje um condutor do Uber que me apanhou achou impossível ser eu, o famoso astro, no carro dele. "O que é que você está a fazer no Porto?" Quando digo que moro aqui e que sou mesmo daqui, a surpresa é sempre total. É tudo natural. Eu também sou assim. Há certos cargos que eu não admito que sejam ocupados por pessoas de carne e osso, da minha criação, da minha escola, da minha igualha. Há certos postos de alta responsabilidade que eu só confio a desconhecidos, a seres mitológicos criados desde sempre para aquela digníssima, inacessível e inatingível função: pilotos de avião, condutores de veículos pesados e cirurgiões. Se algum amigo meu decide ir a esgazear no seu carro comigo a bordo, peço imediatamente para sair e ameaço que vou de autocarro. Só porque não conheço o condutor do autocarro. Se conhecesse, já não queria. Se vou ser operado a seja o que for, nunca na vida ninguém me apanha no bloco, prostrado e inerte, à mercê do bisturi de alguém das minhas relações. Até posso ter ido a uma consulta antes da operação, mas Deus me livre de saber que aquela douta entidade de bata branca e plaquinha na porta do consultório vai ao Arrábida Shopping, bebe cerveja pelo gargalo e tem qualquer espécie de vida que se assemelhe à minha.



TEXTO 3:

Londres

Miguel Esteves Cardoso – in "A Causa das Coisas"

A visibilidade de um português, como português atinge o auge quando ele se encontra no estrangeiro. E encontramos-lo sempre..

Os canadianos cosem as bandeiras deles às mochilas, os franceses andam com o "Libération" debaixo do braço, os americanos trazem "T-shirts" olímpicos, e os espanhóis são o que todos sabemos. Todos eles gostam de proclamar a sua nacionalidade. Numa cidade cosmopolita como Londres, em que praticamente só existem estrangeiros, todos eles são, por conseguinte, absolutamente invisíveis.



Os portugueses não. Preferem ser tomados por cipriotas a denunciarem-se. Ao contrário dos outros cidadão, o português que chega a Inglaterra preocupa-se, acima de tudo, em passar por estrangeiro. No primeiro dia da semana em Londres, compra e veste imediatamente a roupa com que espera fazer-se passar por inglês. Muitas vezes, quando regressa ao "hotel" depois de mais uma árdua jornada de camuflagem rástica, vai examinar as etiquetas e descobre desconsoladamente que foram todas fabricadas em Portugal. Esta é a mesmíssima roupa que surge, no mercado português, com a indicação "London".

É precisamente por ser tão flagrante o esforço por passar por "bife" (muito bem-passado) que o português detecta a muitos quilómetros de Kings Road de distância. É claro que só outro português saberá que ele é português – para os indígenas e restantes nações, ele é um espanhol, um italiano ou um grego (ou, mais frequentemente tudo junto).

É por isso que evita, sempre que lhe é fisicamente possível, os contactos fortuitos com os compatriotas, turistas ou emigrantes, que facilmente o poderiam desmascarar no meio de Piccadilly. Só de pensar na vergonha que era...

No estrangeiro, a raça portuguesa é aproximadamente tão gregária como a dos coiotes. Se um inglês ou alemão encontra um conterrâneo em terras estranhas, não o larga até ter



partilhado um barril ou dois de cerveja e comparado uma ou mais queimaduras solares do primeiro grau. Mas se um grupo de portugueses calha ser detectado por outro grupo de portugueses no estrangeiro, ambos se põem logo a cochichar acauteladamente entre si: *"Shh... Não olhes agora... Olha, aqueles são portugueses..."*

E não raro acrescentam: *"Vê-se logo."* Põem as mãos à frente das bocas, muito nervosamente, e permitem-se abafar umas risadas sapientes, como se toda aquela descarada miséria de se ser português lhes escapasse pessoalmente. Os portugueses vêem-se logo quando estão a ver logo.

Quando voltam para Portugal é, naturalmente, a primeira coisa que contam, com registos vocais geralmente reservados para testemunhos de ovnis: *"Logo no primeiro dia, estávamos na Óquesor Strite ("Oxford Street" – a rimar com Scotch Brite)" e, vê lá tu, que estavam lá uns portugueses a escolher camisolas – aquelas giríssimas com a bandeira da Inglaterra. Sabes quais são? São muito giras, não são? Comprei nove..."*

Óquesor Strite está para o turista português como microcosmo da experiência britânica, um pouco como as pirâmides de Gizé estão para o turista médio americano, como símbolo máximo da arquitectura helénica. No entanto, avistar ingleses em Oxford Street é tão raro como ver lisboetas no Museu dos Coches – e é talvez por isso que muitos portugueses regressam de Londres com a informada notícia de que agora é moda os ingleses todos de turbante.

Na alimentação, o português em curta estadia londrina não é menos exigente. Os que em casa mais protestam com o apuro do refogado ou a idoneidade do bacalhau, que mais clamorosamente insistem nas boas reservas e garrafeiras, são depois como leões de pedra à porta dos MacDonalds, de hamburger contraplacado e tota-tola nas mãos, radiantemente gratos por fazerem finalmente parte de uma civilização superior.

O momento de maior glória, porém, está guardado para a hora do regresso a Portugal. Descendo na Portela, coberto de todos os sinais, signos e significando que signifiquem claramente *"Vim agora de Londres, não sei se estão a ver"* e com os dez maços de Rothmans, inteirinhos, ainda por fumar, o turista português sente-se como Livingstone entre os hotentotes. Até ter de voltar ao "SG", pelo menos".